

CAPÍTULO 1

“Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e deus” - Pitágoras

O sol brilhava alto no céu sem nuvens e sua luz iluminava toda a densa Floresta dos Sete Imortais. As copas das árvores formavam uma espécie de tapete verde escuro que percorria além do horizonte, criando a impressão visual de que toda aquela superfície se estendia infinitamente. Luce se pegou parada por alguns instantes, observando a floresta a sudoeste como se estivesse procurando pela Pranavila, onde viviam os imortais.

Ela estava no topo de uma das árvores em sua montaria alada, Ydoc, um calopster, espécie de animal que vivia apenas em Lemúria; um mamífero alado com orelhas grandes e empinadas como as de um felino. Seu corpo seguia os mesmos padrões: quatro patas, magro e com pernas fortes, porém, o focinho era incomum aos mamíferos terrestres atuais. Ele tinha um bico de pássaro comprido e encurvado, olhos pretos e grandes; as penas brancas e amarelas se misturavam com o pelo cinza por todo corpo, mas no topo da cabeça, algumas penas formavam uma espécie de chifre, que ouriçavam quando em alerta por ameaças.

- Vamos pequeno, não quero me atrasar para o trabalho – Luce disse, enquanto acariciava o pescoço de Ydoc.

Ele abriu suas grandes asas... Quando me refiro a elas como grandes, eu realmente quero dizer isso! A extensão de um calopster de asa a asa podia passar facilmente de 4 metros! Ydoc era um calopster relativamente pequeno e sua envergadura não chegava nem perto da média. Depois de um piado estridente, Ydoc levantou vôo e seguiu em direção ao centro de Lemúria. No caminho, Luce sempre sobrevoava o Correágua, um braço do rio Laredo que desemboca no Delta Lotus, onde um pouco mais ao norte ficava sua casa na Vila Trindade.

Durante o caminho ao longo da estrada central leste e de todos os pequenos vilarejos sem nome que o acompanhavam, a visão dos pescadores manipulando a matéria para capturar peixes com frequência a deixava extremamente curiosa. Ela conseguia realizar algumas manipulações de baixo nível para organizar os livros na biblioteca em que trabalhava, mas o nível daqueles Lemurianos era incrível. Eles manipulavam a matéria do rio, criando pequenos blocos de água. Nesses blocos, os peixes ficavam retidos e logo em seguida toda essa água manipulada era depositada em redes para coleta do alimento.

Caso não tenha ficado claro, deixe-me explicar melhor. Os Lemurianos eram seres que vibravam na quarta dimensão, ou seja, eles conseguiam manipular a matéria inerte com o pensamento. Se não houvesse nenhuma força se opondo a sua intenção, todo pensamento canalizado para um objetivo passava a se tornar realidade, modificando a existência ao seu redor. Dessa forma, quando esses pescadores canalizavam sua energia

eletromagnética em forma de pensamento, caso o campo magnético criado pelo cérebro fosse forte o suficiente, os átomos ao seu redor passavam a se reorganizar para criar a realidade desejada.

Outra curiosidade interessante sobre a terceira raça (Lemurianos) é que seus olhos são um pouco diferentes daqueles dos atuais humanos. Eram brancos leitosos com pupilas levemente cinzas e não enxergavam o mesmo espectro de luz que você. Intenções, auras ou energias mentais tinham cores que dificilmente conseguiria descrever, pois há muito tempo vivo nesse corpo material e deixei de enxergá-las também. Não eram cegos, mas o mundo que experienciavam através da visão era completamente diferente, auras e campos magnéticos eram facilmente detectados por aqueles olhos, porém, aspectos mais particulares e densos como cor de cabelo ou marcas na pele passavam despercebidos por eles.

- Incrível! Parece tão fácil vendo eles pescarem desse jeito, quando eu tento mover um livro de lugar ainda levo vários segundos para concluir a tarefa! - Já, esses pescadores, conseguem mover blocos de água um em seguida do outro, Luce disse, sorrindo enquanto observava o trabalho.

Antes que eu me esqueça, você provavelmente deve estar se perguntando quem é Luce, essa garota que vai nos acompanhar até o final da história. Então, não tenha tanta pressa em conhecê-la, porque nem ela mesma se conhece tanto nesse momento. O que posso te adiantar é que ela é uma garota muito meiga, sensível e inteligente. Cabelos castanhos, cacheados e volumosos percorrem as laterais do seu rosto até pouco depois da linha dos ombros, um rosto delicado, nariz pequeno e olhos grandes. Ela era pequena, pouco mais de um metro e sessenta, magra, mas carnuda, cintura fina, com quadril largo e pernas grossas. A pele morena lembrava o doce que vocês humanos fazem com leite atualmente. Dona de uma voz linda, macia o suficiente para acalmar corações agitados, quando decidia cantar para seus amigos e entes queridos, cativava olhares de admiração pelo timbre potente e caloroso. Bom, chega de detalhes sobre essa garota lemuriana, vamos continuar contando a história que fez sua vida tomar um rumo inesperado...

- Estamos chegando Ydoc, vá com calma, não quero acordar o professor – Luce disse em pensamento. Os lemurianos não precisavam usar a voz para se comunicar, pois eram capazes de captar as ondas cerebrais, assim como a maioria dos animais da ilha. Vale comentar que cada lemuriano era vinculado espiritualmente com um animal ao nascer e Luce e Ydoc são os melhores amigos desde o primeiro dia de vida.

A família de Luce sempre vinculou suas crias a calopsters e ambas as espécies são parceiras de longa data. A mãe de Ydoc era vinculada a seu pai até a sua morte. Poucos anos depois, ela também morreu e era comum que almas vinculadas não permanecessem encarnadas por muito tempo após seu par desencarnar.

Luce, neste momento, voava em direção ao seu trabalho e, como de costume, cantarolava as canções passadas pela sua família durante o trajeto. Montada nas costas

de seu fiel amigo, ela fechou os olhos, pois Ydoc conhecia o caminho como conhecia cada dedo de sua pata, e seguiu a cantar:

Delta lotus belo e fértil

Provem tudo que há de bom

Grande árvore mãe gentil

Outra aurora impõe seu tom

Vejo calma em cada alma

Deixo a casa em que cresci

Oh, caminho, que me acalma

Rogai a luz em mim e ti

Acordo em paz e agradeço

Que cada cria seja feliz em nossas ilhas

Em harmonia me compadeço

Unificando novas vidas

- Vai com calma! Todos estão dormindo ainda – Luce comunicou Ydoc, enquanto ele pousava em uma das entradas próximo ao topo da grande árvore, também chamada de Saar, no centro do continente de Lemúria. Perto do topo, estava a biblioteca onde Luce trabalhava e passava a maior parte do dia, ambos seguiram caminhando até a entrada. Passando pela porta azul e redonda no tronco, ela seguiu a passarela onde no final estava a entrada da biblioteca. Dentro da grande árvore, existia um enorme complexo com plataformas, cômodos, casas e diversas outras estruturas. Esta árvore era o coração de Lemúria, maior que isso era o coração de Mater. Localizada no eixo energético atual do planeta, a consciência viva de Mater habitava essa árvore e tinha uma relação bem próxima com alguns Lemurianos, pois os habitantes deste continente eram, no momento, o povo espiritualmente mais evoluído e o único capaz de entrar em contato com vibrações mais elevadas como a de Mater.

Na época, sete lemurianos haviam atingido a consciência crística, nível este que explicarei melhor em momento mais oportuno. O mais importante agora é informar você que estes lemurianos atingiram a imortalidade e habitavam a floresta ao sul da grande árvore, conhecida como Floresta dos Sete. Cada um dos sete tomava para si um discípulo que eles julgavam capaz de atingir o mesmo nível de consciência e habitavam pequenas casas de madeira no topo dos salgueiros anciãos da floresta. Luce era discipula de um deles.

- Pronto, pode descansar, eu vou aproveitar que chegamos cedo para meditar um pouco antes do professor acordar – Luce comentou com Ydoc, enquanto deixava sua mochila próxima a mesa da recepção.

Os lemurianos produziam suas roupas e apetrechos a partir das matérias orgânicas provenientes da natureza. Sua mochila, feita a partir de couro e fibra, carregava livros e suas soqueiras. O professor da biblioteca era algo próximo a um monge como vocês conhecem hoje e ele ensinava Luce tanto nas artes cognitivas e filosóficas, quanto nas artes da proteção coletiva e individual.

Após realizar alguns asanas, posições confortáveis para oferecer mais atenção ao corpo, proporcionando maior equilíbrio físico, mental e espiritual, Luce iniciou sua meditação:
- *Lokah samasta sukinuh bhavanto.*

– A vibração do cântico entoado na língua antiga percorria todo seu corpo... Uma tradução simples para essas palavras seria: “que todos os seres em todos os planos sejam prósperos”. Luce apenas sentia as partes que tocavam o chão, o resto do seu corpo estava dissolvido pelo espaço que habitava. Ela também sentia o topo, o chakra coroa emanava uma energia que estendia por todo ambiente e além, muito além do planeta que ela existia no momento. Durante este processo meditativo, Luce se encontrou com uma luz branca, levemente esverdeada, que tomava forma humanoide na medida que sua consciência se aproximava daquela presença.

- Nero ... – Uma voz ecoante ressoou. Luce sabia que era o espírito de Mater, a mãe de todo planeta que estava tentando comunicar algo.

- Encontre Nero, o destino continua incerto, Luce e Nero precisam se unir para garantir a continuidade do projeto Terra - A voz de Mater era alta e pesada, mas ainda assim carregada de acolhimento.

- A resposta está no cristal primordial. Maevianos cometeram o mesmo erro do passado, desapegue-se e caminhe, como a natureza, sem pressa, sem pausa – Com precisão impecável ao final da mensagem de Mater, Luce retornou a seu corpo físico após sentir um toque sutil, porém firme em seu ombro esquerdo.

- Chega de meditar, Mater comunicou o necessário, você precisa fugir – Quando Luce abriu os olhos enxergou o seu professor. Seu rosto estava sereno e tranquilo como sempre, emanando um pequeno sorriso com olhos cerrados, mas ela percebia a urgência na sua intenção ao tocá-la.

– O continente vai afundar em breve, você precisa chamar Ydoc e voar para Atlantis. Eles possuem a tecnologia necessária para salvar o planeta – o professor completou, enquanto apontava sua bengala, curva e desgastada, feita de uma madeira acinzentada, em direção ao topo, onde residia o núcleo – Venha comigo até o núcleo e em seguida você segue viagem. Nero vai estar em Atlantis te esperando na ilha dos Nacaals junto com a Sra. Destino – O professor terminou de falar e seguiu andando em direção a escada no fundo da biblioteca, que levava até o núcleo da grande árvore.

- Sra. Destino? Lemuria vai afundar? Quem é Nero? O que você quer dizer com tudo isso? - Luce estava confusa demais para focar em entender ao menos uma de suas dúvidas, ela simplesmente seguiu seu professor que caminhava mais rápido do que o normal. Aquele senhor corcunda, lento e trêmulo aparentava ser totalmente diferente

do que ela estava acostumada, caminhando ereto, rápido e, apesar de cego, seguia um rumo perfeito durante a subida das escadas sem ao menos usar a bengala ou corrimão como guia.

- Professor Obiaf, eu não estou entendendo nada, você nunca me permitiu entrar no núcleo, por que agora? - Realmente, Obiaf era um dos poucos lemurianos com acesso ao núcleo de Mater, onde a consciência do planeta tomava forma física.

– Não há tempo para explicações Luce, eu não escolhi você como aluna por acaso, seu treinamento, estudos e tudo que você viveu até agora teve um motivo, dentro da dualidade cósmica que vivemos nesta dimensão, você é peça chave para manter todos os seres deste planeta seguindo o fluxo da evolução, Ay e Tya já estão no pico mais alto de Lemúria, preparando a reunião de todos os Nacaals (Obiaf também era um deles). – Quando o professor terminou de falar, um estrondo atingiu os ouvidos de Luce, seguido de tremores que fizeram todo continente vibrar. Luce sentiu como se um raio tivesse caído bem na sua cabeça. Se o professor não houvesse treinado ela em diferentes técnicas de pranayamas, provavelmente seu coração teria disparado e a adrenalina do momento causaria algum efeito cognitivo.

Pranayamas eram técnicas de respiração avançadas para condicionar a mente e corpo num objetivo específico. Luce respirava, procurando manter a calma para pensar e agir de forma a conseguir manter ela e o professor ilesos diante de uma ameaça que para ela ainda era desconhecida.

Um pequeno adendo para melhor esclarecer quem eram os Nacaals é válido neste momento, estes seres, encarnados ou não, são consciências muito antigas que vieram a Mater para ajudar o caminho evolutivo dos povos que aqui vivem.

- Continue caminhando, jovem aprendiz, logo você receberá as instruções finais. – Professor Obiaf disse, enquanto seguia subindo pelas escadas de pedra bem no centro da grande árvore. Luce podia ouvir a confusão nos andares mais baixos e no interior da grande árvore o barulho dos passos apressados e vozes inquietas preenchiam os momentos de pausa entre os tremores e explosões.

- As famílias que vivem aqui, as pessoas que chegaram para o trabalho, não vamos ajudá-las? – Luce questionava o professor.

Na grande árvore centenas de lemurianos e seus pares espirituais viviam e trabalhavam. Animais, em sua maioria indefesos, também habitavam este lugar. O interior da grande árvore era um lugar movimentado, animais e lemurianos transitavam por sua estrutura feita de pedra, conviviam e cresciam em meio aquele ambiente. O lugar era lindo! Repleto de folhagem, passarelas e cômodos. Todos os habitantes da grande árvore estavam próximos ao medo de perder a vida, apesar de a encarnação não ser uma coisa valorizada como a de vocês humanos, quando próximos da morte, lemurianos também sentiam medo e desespero...

- Chegamos Luce, aquiete-se, por gentileza, ela vai nos receber – O professor comentou, enquanto abria a porta feita de madeira que guardava o núcleo de Saar, localizada bem

no coração da gigantesca árvore. Luce nunca havia entrado lá, o lugar era simples, mas repleto de uma energia poderosa que podia ser sentida mesmo a alguns metros da entrada. Galhos retorcidos, folhas verdes, lilás, azuis e até alaranjadas percorriam toda extensão das paredes. Bem no centro do núcleo, um cristal repousava em um pequeno tronco de madeira, vivido e pulsante, verde acinzentado. A energia era intensa demais ao ponto de fazer Luce hesitar na sua aproximação. Era um cristal de cor branca esverdeada, grande o suficiente para não ser possível de carregar com uma mão. O professor não parecia sentir-se intimidado pela energia emanada do núcleo. Seguiu até o centro e ajoelhou-se.

- Mater, revele-nos o futuro deste continente, agracie nossa consciência com toda sabedoria necessária para que Luce triunfe em seu propósito – disse em voz temerosa.

Luce não sabia como reagir, então apenas ajoelhou-se como Obiaf e deixou o fluxo energético preencher seu âmago. Nesse momento, o cristal começou a tremer e uma luz branca e forte explodiu do interior do núcleo, formando uma forma humanoide bem à frente.

- Pequena escolhida, chegou o momento em que temos aguardado. Você está pronta! Assim como todos nós, Nero deve estar recebendo a visita de Kyrion neste momento e se dirigindo a ilha mais ao norte de Atlantis. Pegue o cristal e viaje até Polinésia, o povo da ilha irá guiá-la ao fechamento da grade, e assim, todos, inclusive eu, seremos salvos!

De repente, um vento forte começou a soprar pela sala, forte o suficiente para fazer Luce firmar-se no chão e logo em seguida o Cristal começou a flutuar na sua direção. Ela estendeu os braços, enquanto ele aterrissava suavemente na palma de ambas as mãos. Neste momento, ela sentiu uma energia extremamente forte e pura percorrer todos seus meridianos, fortalecendo todos seus vórtices enérgicos, também chamados de chakras pelos atlantes. Luce percebeu de imediato o poder do campo magnético daquele cristal. Era uma das 144 rochas primordiais!

- Professor! – Luce gritou, quando sentiu o poder do cristal adentrando seu corpo.

- Por que vamos mover o cristal primordial de Lemúria? – disse, segurando o cristal próximo ao peito.

- A grade rompeu. – Disse ele. O vento fazia a sua túnica, cabelos ralos e barba branca longa balançarem – Você precisa restaurar antes que Mater passe pelo vácuo e todos os seres vivos percam a consciência.

- Eu?! Como assim?! – respondeu em tom de desespero.

- Não há tempo, Ydoc já está te esperando. Voe para Atlântida, os mestres ascensionados te guiarão.

- Mas ... e você? Por que não vem comigo? – Luce perguntou, mas sua alma já sabia a resposta.

- Meu papel está cumprido, vou desencarnar deste velho corpo, meu trabalho segue em planos mais altos, te acompanharei em espírito.

Assim que Obiaf terminou de falar, o teto da sala do núcleo cedeu e o barulho da explosão foi alto o suficiente para deixá-la surda por alguns instantes. Sua visão escureceu e sentiu algo húmido e quente descer seu pescoço...

Luce estava de bruços no chão, não sabia como e nem quando tinha caído. Notou que o chão estava vermelho ao redor do seu rosto, mas o sangue não era seu. Obiaf estava empalado em uma lasca de madeira de 1,5m que havia desprendido do teto, sua consciência não estava mais ali naquele corpo, mas ela ainda podia senti-lo. O sangue do professor ainda estava molhado, o que significava que ela não passou muito tempo desacordada. Beirando o desespero, ela recordou com um flash do pedido de Mater e começou a procurar pelo cristal. Ele não estava muito longe, poucos centímetros do corpo de seu querido professor. Com certa dificuldade, ela deu um pulo e já estava em pé, pegou o cristal, o apertou forte entre as mãos e correu em direção a biblioteca para pegar sua mochila.

Chegando na biblioteca, ela percebeu a real gravidade da situação, uma boa parte da lateral leste da grande árvore estava destruída. Ela conseguia ver o mar e o Delta Lotus, onde seu vilarejo ficava, mas a visão que teve ao longo da rota central a entristeceu. Ao longo da estrada, a floresta estava destruída, seu vilarejo, apesar de distante, começava a ficar submerso nas águas oceânicas. Luce não compreendeu de imediato por que toda aquela água se formara tanto no litoral quanto mais adentro do continente, onde pequenos lagos já se emergiam nas encostas das colinas e montanhas. Ali, ela permaneceu paralisada... Até hoje, ela não sabe qual som chegou primeiro em seus ouvidos, se o piado estridente de Ydoc ou o estrondo no horizonte, mas tudo que viu neste breve momento foram colunas d'água quase tão altas como a grande árvore. Elas emergiam do chão, quebrando rocha e floresta, destruindo tudo desde a base. Colunas d'água com força tremenda chegavam a subir mais de quinhentos metros de altura, grossas e avassaladoras. O som do continente se quebrando na implosão da água fazia tanto o solo quanto seus pensamentos estremecerem. Alguns gritos distantes, choros e orações eram ouvidas também nos intervalos da destruição causada pela água que brotava do chão. Luce, ainda paralisada, pensava na mãe e irmã mais nova, olhando o horizonte apocalíptico.

- Ydoc! – ela gritou, quando viu seu amigo sobrevoando o buraco no tronco da grande árvore. - Ele já havia pegado sua mochila e voava em sua direção.

- Vamos, Luce. Não sobrou mais nada aqui para nós. - Obiaf me instruiu a te levar para montanha mais alta na cordilheira nevada, estaremos seguros lá.

- Isso mesmo! Ydoc era sensato e maduro, apesar do medo e da destruição do lugar onde crescera, ele ainda mantinha calma pensando somente em mantê-los vivos até o final do dilúvio. Luce montou as costas de Ydoc e ambos partiram num vôo alto, buscando evitar serem atingidos pelas colunas d'água que estouravam do solo sem aviso prévio, destruindo tudo ao seu redor. Luce não se sentia bem, mesmo com tanto

treinamento, estudo e disciplina, ela não estava preparada para isso. Sua família, provavelmente morta, sua terra afundando em desespero, o professor morto e a responsabilidade de salvar o planeta em suas costas.

Após alguns minutos de vôo alto, quando Ydoc aterrissou em uma pequena base no cume da montanha mais alta de Lemúria, o Pico dos Calopsters, chamado assim, pois a espécie de Ydoc habitava tais montanhas nevoentas, ela notou que não era a única ali. Havia dois lemurianos e uma senhora baixinha que estavam em silêncio, observando o continente afundar em destruição. Os dois lemurianos não choravam nem transpareciam medo, apenas recitavam um cântico que ela não conseguia identificar. Luce se aproximou da senhora que se destacava dos outros pelo seu aspecto. Ela não era lemuriana e tinha traços bem humanos, parecidos com os habitantes de um continente bem distante. Essa senhorinha era eu!

- Com licença, como vocês chegaram até aqui? O que está acontecendo? – Luce disse bem baixo próximo ao meu ouvido com certo tom de desespero.

- Eles vieram, pois já sabiam que Lemúria iria afundar. Os marcianos estão com medo. – Respondi, sem muitas explicações no momento, pois não havia tempo para esclarecimentos.

- Aquele povo do planeta vizinho? – ela me perguntou confusa.

- Sim, pobres seres não conhecem ou entendem a ordem das coisas. – Eu disse, mas senti que isso deixou as coisas ainda mais confusas em sua mente, porém, ela não continuou com perguntas.

- Está feito! Precisamos tirá-los daqui o quanto antes! – Luce respondeu. Eu sei que ela tentava parecer forte, mesmo não sabendo ao menos como iria fazer tal engenhosa afirmação. Confesso que ri por dentro, mas prossegui com as palavras necessárias no momento.

- Na verdade, você será levada por eles, Ay e Tya. Os primeiros imortais da ordem dos sete vieram para cá esperando você. Os outros quatro, já estão em Atlantis e levaram tudo que fosse importante deste continente. O cristal primordial que carregas é o último item necessário para nossa evacuação e conclusão da grade. Certifiquei-me de ficar para garantir segura sua chegada.

- Ay e Tya? Os primeiros imortais estão aqui? – Assim que concluiu a frase, viu o casal, que não aparentava ser nem jovem nem velho. Sua pele era morena e os cabelos eram ondulados. O dele, curto e o dela, comprido, se aproximavam envoltos de um merkaba orgânico e reluzente. A energia toroidal, que fluía do centro de seus corpos era púrpura e bela.

- Está pronta para partir? Nada nos resta aqui. Disse Tya, uma lemuriana alta e calma.

- Sim, Obiaf me passou os motivos e caminhos, podemos ir... – respondeu Luce.

- Lembro-me dele ainda criança. Meu coração enche de alegria ao saber que cresceu para orientar a escolhida.

- Escolhida? – Luce, confusa, perguntou.

- Não temos tempo para mais explicações agora, Ydoc vamos? – Ay completou.

Ydoc soltou um piado alto e estridente. Outros dois de sua espécie surgiram de trás da beirada da colina voando e pousaram se abaixando levemente para que o casal montasse.

- Vocês conseguem voar até Atlantis? – Luce canalizou para os calopsters.

- Diretamente, não – respondeu Ay e Luce se perguntou como ele tinha captado pensamentos canalizados para outros, então ele continuou.

- Nossos merkabas vão prover a energia necessária e faremos algumas paradas nas ilhas entre ambos os continentes.

- Então, não temos mais o que esperar. – Luce disse, quando percebeu que eu não tinha uma montaria.

- E você, como partirá deste continente condenado? – perguntou, enquanto eu apenas sorria.

- Meu destino não pertence a Lemúria nem a vocês, jovens. Ficarei para auxiliar quem ainda possui causa nessa encarnação. Tenho meus meios, não se preocupem, neste plano ainda sou capaz de alguns feitos. – Com essas palavras, eu decidi materializar meu corpo para longe, no lago bem ao sul de Lemúria, chamado de Grande Mar no seu idioma, pois lá ainda havia alguns lemurianos em uma arca que necessitavam de assistência. Luce me contou como ficou perplexa nesse dia ao me ver desaparecer.

- Ela sumiu! – Luce falou.

- Não se preocupe com a vovó, ela sempre está ocupada com o destino de Mater. - Vale lembrar que Mater é o planeta que vocês chamam de Terra atualmente. Após concluir a frase Ay e Tya em perfeita sincronia, fecharam os olhos e projetaram grandes cubos de metatron ao redor de seu corpo. As redes de energia formavam círculos ligados a linhas retas de forma bela, as mais belas que Luce já havia visto!

- Chegou a hora. – Ay envolveu sua montaria, Ydoc e Luce em seu merkaba energético e os quatro partiram alto nos céus, alto o suficiente para superar as poucas nuvens que cobriam aquela região. Ao sobrevoar o leste do continente lemuriano, percebeu que grande parte já havia desaparecido e se tornado uma vastidão marítima. Na altura que estava, apenas via poucas terras ao sul e o cume do grande vulcão solitário no Norte. Colunas d'água ainda rompiam o solo e emergiam altas ao longo da superfície restante. Os sons de gritos e estouros da água que vinha debaixo do solo ficavam cada vez mais distantes até cessarem. Em questão de horas, pousaram em uma pequena ilha inabitada bem ao leste do continente, tão pequena que do centro era possível avistar toda a margem ao seu redor.

- Vamos recuperar as forças aqui. Com pouca meditação, vamos absorver o necessário para seguir viagem até Atlantida – Tya disse, enquanto se sentava na areia fina do litoral da ilha. Ay já estava sentada, murmurando um cântico recorrente nas suas paradas até o destino.

instante pequeno

quando comparado a infinitude

tenros momentos

indicam início de novas virtudes

garota ainda verde

carrega em si todas as qualidades

sempre presente

consciência suprema desde a infinidade

hoje somos passageiros

mas deixo em ti a pura verdade

de um planeta terreno

rumando a caminho da eternidade

no sol que ilumina o barro

na lua brilhante sorridente

nos mestres comunicando pressagio

nas velas progresso insistente

a caminho do éter es Brama

sozinho nunca estivestes

longe avista a trama

do corpo atual que tu vestes

Este processo se repetiu ao longo de quase trinta dias. Voavam pelo céu por horas. Às vezes, uma dúzia ou mais, aterrizavam em pequenas porções de terra perdidas em meio ao vasto oceano que separava os continentes, cantavam e meditavam e depois seguiam em direção a próxima parada. Luce e Ydoc pouco esforço faziam, pois os merkabas de Ay e Tya os carregavam pela maior parte do tempo. Se alimentavam dos recursos encontrados na viagem como plantas e peixes, ou jejuavam, caso o alimento fosse escasso no trajeto. Ela também aproveitava para meditar e entoar o cântico que aprendera com eles.

Era bem difícil repousar seus pensamentos no mesmo sentido energético que seus acompanhantes. Luce ainda estava muito presa ao físico e, frequentemente, durante a viagem até Atlantis, recordava de pequenos momentos com sua família. Em uma tarde nublada, com mar revolto no horizonte da ilha em que descansava, uma memória nítida percorreu sua mente: sua irmã mais nova, Lica, como carinhosamente a chamava, correndo em frente sua casa seguindo e imitando os movimentos graciosos e divertidos de Luce ao brincarem no terreno vazio... seus pais, observando a bagunça das filhas, sorriam...

Outras memórias a perseguiram ao longo de toda viagem, almoços simples e cotidianos com a mesa repleta de grãos, vegetais e suco de fruta da estação. Leituras em família dos escritos que seu pai colecionava e tardes na cozinha, quando Lica e Luce assavam pão fresquinho com sua mãe. Luce lamentava que as memórias que tinha fossem as últimas a cultivar com sua família, consciências tão magníficas que tanto lhe ensinaram ao longo dos anos. E assim, dia após dia, atravessou o grande oceano com o coração pesado da perda de sua terra, da sua família e das queridas almas que fizeram parte de seu crescimento.

Na época, os oceanos Atlântico e Índico não estavam tão bem separados pelo continente africano. Havia uma pequena porção de terra, onde habitavam os humanos primordiais. Essa raça vivia sob a tutela dos Nefilins ou Anunnakis, como seu povo está acostumado a chamar nos dias modernos. Eram habitantes de um planeta distante que vieram até Mater em busca de materiais para proteger seu próprio planeta de catástrofes. Em uma pequena região do planeta e após modificações genéticas em algumas espécies locais, chegaram a uma raça inteligente o suficiente para que pudessem ajudá-los, porém, não foram totalmente bem-sucedidos em sua busca. Grande parte da queda dos Nefilins foi por causa de Nero, mas essa história fica para os próximos capítulos, por enquanto, basta saber que Luce sobrevoou algumas de suas cidades antes de chegar a Atlântida.

Dia e noite passavam rápido, pouco alimento e muitas horas sobrevoando o mar. A imensidão azul tirava o fôlego de Luce. Mesmo criada em arquipélago, o mar aberto ainda possuía um esplendor difícil de descrever, uma mistura de perigo e beleza. As poucas paradas que faziam eram breves. Ay e Tya possuíam uma energia vital poderosa e seus merkabas os mantinham em viagem por longas horas, emitiam luzes púrpuras azuladas e tinham uma potência incrível aos olhos de um lemuriano.

Em uma de suas últimas paradas no trajeto, após uma breve pausa para se alimentarem com algumas raízes encontradas nas ilhas ao longo do caminho, Tya levantou um olhar sereno para Luce e disse:

- Estamos quase lá! Sinto dizer que essa longa viagem foi um breve começo, sua história está nas primeiras etapas e logo o objetivo principal será revelado em sua plenitude.

- Entendo a urgência da demanda dos mestres ascensionados e cumprirei meu propósito. – Luce falou, enquanto fazia um gesto de afirmar com a cabeça. Já havia passado tempo o suficiente com estes dois Nacaals para saber que mais perguntas não trariam novas respostas, os dias de meditação ao longo da viagem trouxeram o entendimento necessário para aceitar a compreensão divina dos imortais e seguir seu destino.

Realizaram o mantra como praxe desde a saída de Lemúria e partiram da última ilha entre eles e Atlântida e em menos de um dia chegaram a um litoral deserto de uma ilha bem ao norte deste continente novo para Luce. Atlântida era uma porção de terra vasta e maciça com apenas duas ilhas próximas, uma ao norte e uma ao sul.

- Enfim, chegamos! A reunião Nacaal acabou de terminar e Nero deve chegar em poucos dias. Luce, aproveite para se alimentar bem e descansar o quanto necessário, pois a verdadeira jornada vai começar depois das instruções do conselho, Ay disse, enquanto caminhava adentro da trilha que emergia da parede de árvores da floresta bem próxima à costa.

- Eu achei que iríamos à capital, a cidade de ferro, concreto e pedra. – Luce disse, lembrando das histórias que ouviu de Atlântida. Apenas conhecia paisagens naturais e poucos relatos das construídas.

- Aqui, fica a primeira ilha habitada. Nós, Nacaals ou mestres ascensionados temos muito em comum com o povo de Lemúria. Não interferimos em ordens naturais da maneira que os nativos ou marcianos fazem com o ambiente, Tya respondeu.

- Vamos! O salão não fica longe daqui, mais algumas horas de marcha leve e chegaremos. - Ay completou, enquanto adentrava a mata.

Cerca de quatro horas depois e de profundo silêncio, pois Luce ainda não encontrava sentido em fazer mais perguntas, mesmo havendo tantas, chegaram a uma construção de madeira não muito alta, mas bem extensa. Na porta, um Marciano sentado parecia estar dormindo.

Nyx! – Tya disse com a voz animada. O marciano levantou a cabeça e ao perceber os visitantes sorriu.

- Enfim chegaram! Esperava por vocês, não temos muito tempo. A garota deve ir ao pavilhão descansar e recuperar as forças e os Nacaals vão se reunir para definir os últimos detalhes da conclusão da grade. – Nyx virou-se para Luce e continuou a falar - Acredito que Luce esteja com o cristal, deixe-o com Ay e siga pelo caminho que contorna a sala de reuniões. Lá, você encontrará Metatron, ele vai indicar o caminho de seu

quarto. - Luce tirou o minério de sua mochila, observou sua perfeição energética com seus olhos lemurianos e o depositou com cautela nas mãos de Ay. Essa foi a última vez que viu o casal encarnado. Após a breve despedida, seguiu pela lateral do barracão de madeira e no final da trilha encontrou um ser azulado, etéreo.

- Bem-vinda Luce, me chamo Metatron e trabalho para o serviço magnético. Esta é a chave de seu quarto – apontou para uma chave repousada em um banco de pedra próximo a entrada de um túnel na base da colina atrás da sala de reuniões – no final do corredor a terceira porta a direita você encontrará um quarto com alimento e abrigo. - Durma e coma, descanse o necessário, assim que Nero chegar, nos reuniremos com os Nacaals para as instruções finais.

Luce seguiu o corredor escavado na colina com a chave em mãos e ao chegar na porta que Metatron a indicara, destrancou a porta, adentrou o pequeno recinto, comeu algumas frutas que estavam em uma cesta na mesa central e se deitou bem no canto da cama. Pensou na sua família e se tinham conseguido fugir ilesos de Lemúria. Se perguntou quem seria Nero e sentiu vontade de apertar o pequeno travesseiro de palha e chorar. Sentiu raiva, medo e não parava de se questionar sobre o que estava acontecendo. Por que era escolhida e o que deveria fazer? Mas o cansaço tomou conta de seu corpo e antes de tomar qualquer iniciativa, dormiu. Dormiu como não havia dormido desde que deixara sua terra natal.